

## LIÇÃO DE ABERTURA DOS CURSOS

**Prof. João José de Almeida Seabra**

(Catedrático de Clínica Propedêutica Cirúrgica)

O menor de todos, sem a tímida elegância da modéstia, bem quizeramos subtrair-nos à honra de subir à tribuna nesta solenidade.

Desobrigando-nos dêste desempenho, atendemos a ordens superiores, cujo império respeitosa e reverenciamos. Aos preclaros colegas, agradecendo a distinção, com a presença testemunhamos a obediência, nunca tão difícil de cumprir.

\* \* \*

O panorama político mundial ainda não mostra sinais seguros de equilíbrio. Depois do grande episódio que conflagrou cinco continentes, os ânimos continuam acesos e a dúvida dissipa a tranquilidade.

Pelos quatro cantos do mundo, na Grécia nobre e homérica, nas águas sagradas do Ganges, nos areiais ardentes do Egito e da Arábia, o gládio continua erguido. Na China milenária e misteriosa, o dragão amarelo ainda resfolga as chamas da fúria. Apolo, Buda, Maomé e Confúcio não contêm a ira dos homens. Até no pequenino rincão onde o Cristo nascera e fôra crucificado pela salvação da humanidade, não desponta ainda o arco multicolor da aliança entre o céu e a terra, nem se vislumbra a alva mensageira da paz. Nos gelos polares do austro, na Antártida, como no calor abraçador dos trópicos, na América Central, surgem novas divergências, criam-se novas controvérsias. E o vulcão soviético, reunindo novas forças, vai buscar nos domínios de Plutão, as águas rubras do Flegetonte com que pretende inundar a terra.

Onde está a bôa vontade?

“O’ disse o poeta no Averno,  
Quanto cumpre sermos cautelosos  
“Com êsses que perscrutam da alma os seios”,  
“Sem que às sós aparências se limitem!”

DANTE. O INFERNO, C. 16, 40.

\* \* \*

Combaldadas pelos horrores da guerra passada, já tôdas as nações se ressentem desta atmosfera inaturável. E é neste ambiente de incertezas que a ciência marcha célere, porque em face do perigo, os governos dos povos lhe prestam tôdas as atenções, na esperança de haver dela os maiores proveitos. E’ a única vantagem.

Não admira portanto, que a Medicina tenha nestes últimos tempos alcançado um grão tão elevado de desenvolvimento. E’ natural, parece-nos, que examinemos as nossas condições.

\* \* \*

Há 140 anos precisamente, neste mesmo local, surgiu a primeira escola para assuntos médicos do país, três séculos depois do descobrimento.

E’ difícil avaliar quanto importou esta demora no atraso da nossa cultura, nem permitem os fortes e sinceros laços de afeto que nos prendem à gente heróica da **antiga praia lusitana** analisar os motivos que a levaram a tal procedimento.

Daquela parte a esta data, a influência que a nossa escola exerceu nos domínios da cultura médica nacional é por demais notória para ser lembrada. Outras instituições similares foram criadas, sobretudo no sul do país, e em breve a Bahia, natu-

ralmente, deixou de ser o centro único de atração para os estudos desta natureza. Mas isto, contrariamente ao que se poderia pensar, em nada feriu a continuidade das nossas tradições. Apenas, em lugar de uma, existem hoje várias escolas brasileiras de medicina, como era muito de desejar-se. O mesmo fato prova a difusão ou disseminação da nossa cultura, no curto período de menos de século e meio, através de imensa extensão territorial e com índice de população tão baixo.

Todavia, a medicina nacional tem sido ultimamente alvo de comentários e considerações nem sempre muito lisonjeiros. Já se afirmou que a medicina só apareceu no Brasil depois do estabelecimento de certas bases militares estrangeiras em o nosso território. Não há resposta, nem se vejam em nossas palavras o mais mínimo intuito de réplica, que a parcialidade dos julgamentos e a forma dos termos em que nos foram dirigidas as gratuitas apreciações, são de molde a não merecê-la. — “As coisas tôdas as aparências têm, segundo os olhos são como se vêem”. —

Os fatos concretos há pouco citados em abreviatura, valem só por si como prova, se para tanto fôsse necessário, que não paramos, apesar dos múltiplos obstáculos que se nos anteparam, os quais passaremos a examinar.

Êstes são de ordem vária, remotos e presentes, físicos e políticos, econômicos e sociais, e menos para depreciar do que para enaltecer nos são conformes, no exigirem esforço superlativo e perseverança. Uns dizem respeito às dificuldades que oferecem à difusão ou propagação dos recursos e conhecimentos técnicos através das longínquas regiões do país, outros, ao progresso em profundidade ou aperfeiçoamento da ciência se referem.

Nas condições geográficas e climáticas do Brasil, no que pese a opinião em contrário dos notáveis críticos de gabinete, encontramos um primeiro obstáculo à penetração e fixação do homem. Si é verdade que possuímos longos e extraordinários caminhos fluviais, que de Sul a Norte e de Oeste a Leste cortam o interior, por outro lado também é certa a existência de imensos areiais semi-áridos interpostos às zonas mais férteis, como a impedir o seu acesso. O viajante nas longas caminhadas por essas gleba inóspitas, atravessa-as correndo, fugindo da natureza hostil.

Uma região vastíssima, nunca inferior a 500,000 Km<sup>2</sup>, segundo as estimativas de Luetzelburg, somente para o nordeste, é recoberta de vestimenta caatingosa, adusta, e banhada pelo bochorno irrespirável dos rasos enfezados, exposta à mais ardente soalheira dos trópicos. O próprio Martius impressionara-se, batizando-a em seu latim espantado, de "silva hórrida". Um chapadão cretáceo, enorme nas dimensões, de muitos centenaes de quilômetros em longitude e mais ainda em latitude, cujo arenito se ajusta na estrutura e assentamento estratigráfico, à série de Uruçuaia, (1) paupérrimo de humo e de coberta vegetal rala e medíocre, é o divisor de duas bacias hidrográficas formidáveis, o S. Francisco—Araguaia—Tocantins, assim separadas por um paredão monstruoso de 900 ms. de altura, hiante abismo na faixa divisória entre a Bahia e Goiaz. Aí somente vive o mangabeiro nômade, "produto de tôdas as vicissitudes do meio, (2), ermado na monotonia da horizontalidade imperturbada. O vale do São Francisco, o vale do ferro, do ouro ou do diamante, que qualquer uma das denominações lhe fica bem pela riqueza metalogenética das séries constituintes, na extensa área de mais de 600.000 Km<sup>2</sup>, é de clima predominantemente semi-árido. Jorge Zarur incluye no clima semi-árido equatorial tôda a bacia inferior, e no semi-árido subtropical, a média inferior e parte da média superior. Apenas o sul da precedente e a bacia superior gozam de clima temperado brando, do tipo continental.

"O rio, em grande extensão, diz Moraes Rêgo, corre por pais semi-árido. A poucos quilômetros das margens impera a sêca com tôdos os seus horrores."

"A irregularidade da precipitação, contínua, faz que, próximo às margens do S. Francisco, localizem-se as terras mais áridas do Brasil." 103.

Os intérmios gerais, de mesmíssima configuração, que mais para o poente se estendem, em parte submersos na estação chuvosa, ardentes no estio, são a expressão fisionômica do Brasil Central. Superaquecidos durante o dia, a cobertura florística

(1) Moraes Rego, L. F.: Reconhecimento Geológico da parte Ocidental do Estado da Bahia. Bol. 17 do Serv. Geol. e Min. do Brasil.

(2) Porto Domingues A. J.: Contribuição à Geologia da Região Centro Ocidental da Bahia. 1947.

igualmente pobre e tolhiça não pode reter o calor solar, e a coluna termométrica cai vertiginosamente pela madrugada alta às vizinhanças do zero centígrado, em oscilações só registradas nas estepes da Rússia.

E a própria Hiléa luxuriante, o ciclópico anfiteatro amazônico, na sua caudal imensa, lira portentosa inclinada para o Atlântico, em cujas cordas o irapurú tristonho entôa o canto mavioso, ao envez de congregar o homem, afasta-o, insula-o e segrega-o. “O homem alí, diz o insuperável Euclides, é ainda um intruzo impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido — quando a natureza estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão... E encontrou uma opulenta desordem”.

Não caluniamos o clima. A seleção só às custas de longo prazo e de grandes sacrifícios consegue o seu desiderato, e ainda assim, modestamente.

Apenas na orla litorânea e raias convizinhas, na parte sul e em alguns pontos esparsos do centro, de clima mais saudável e ameno, e acesso mais fácil, o homem encontrou meio propício à fixação e ao progresso.

Num país de perfil geológico tão acidentado, cuja borda marítima se separa dos altiplanos do centro por uma rampa de um quilómetro de altitude; com vastíssimas superfícies expostas ao regime cruel das sêcas periódicas; com inúmeros rios representados nos mapas por traços perenes, mas que sòmente durante alguns dias ou mesmo horas, no ano, correm e transbordam nas enxurradas, como na banda norte-oriental; assolado pelo hematozoário, pelo schistosoma e outros hóspedes parasitos; com índice de população muito baixo e desigual, não é de forma nenhuma fácil a marcha do progresso.

Acostumamo-nos desde a puerícia, nas classes elementares, nos livros escolares, nas poesias patrióticas, a ouvir de nossa terra sòmente as maravilhas. Elas são muitas sim, tantas e tão extraordinárias, que o espírito mais embotado se verá prêso da mais viva e profunda emoção perante os seus esplendores. Quem quer que se dê ao incômodo de deixar o conforto das cidades e penetrar mais um pouco nos nossos ínvios rincões, há com certeza de

sentir crescer-lhe no peito o orgulho de brasilidade, tais os espetáculos magníficos que a pátria e grandiosa natureza desvenda aos olhos.

E' preciso porém, conhecer algo mais.

A distribuição irregular das nossas populações, cuja causa primeira está sem dúvida na dependência do fator geográfico e do clima, é outro óbice à propagação e repartição equitativas da cultura e do adiantamento.

Nos modernos estudos de geografia de campo, acredita-se que a solução para o caso está nas vias de comunicações. As estradas devem preceder os agrupamentos humanos, porque êstes são dependentes daquelas. Deve de ser assim. Num país, porém, de economias limitadas, com problemas da espécie presentes e urgentes, a abertura das chamadas estradas do futuro torna-se necessariamente remota.

Êste são dois fatôres importantíssimos, o geográfico-climático e o econômico-político, mas de forma nenhuma irremovíveis. E a propósito, é confortador lembrar que o Govêrno da República, num gesto de alto descortino, justamente no momento, se preocupa com o assunto. A questão do nordeste e do vale do S. Francisco empolga todos os espíritos. Trata-se com efeito de uma região riquíssima e de recursos incalculáveis e que unicamente pela falta d'água e de comunicações satisfatórias, permanece na mais calamitosa situação. O problema não é insolúvel, ademais temos exemplos na história. Os incas no Perú, representantes de uma excelsa civilização que o europeu destruiu, em condições mais difíceis foram buscar nas neves andinas e através de montanhas graníticas, com aquedutos suspensos e túneis escavados nas entranhas da terra, o elemento vivificante para fertilizar suas áridas planícies. Os romanos no norte da África, continuados mais tarde pelos francêses, transformaram áridos desertos em campos fecundos; os francêses novamente, no próprio torrão natal, e os norte-americanos no vale do Tennessee, demonstraram do que é capaz o engenho e a tenacidade do homem. Porque nós, neste século da engenharia, não havemos de fazer o mesmo, onde a natureza, menos ávara talvez, ali deixou os elementos a se aproveitarem? A questão é traçar

um plano bem orientado, de modo que, conjugando todos os esforços num mesmo sentido, se possa alcançar o fim desejado. Não será com certeza, construindo-se açudes monumentais, que servem sòmente a pequenas localidades e fora de qualquer programa geral previsto, que se há de resolver a questão. E sobretudo é preciso advertir, que não é isto obra para um dia e para um só homem, mas que precisa continuadores durante tempo demorado.

Outorssim, estamos mais uma vez perdendo a oportunidade magnífica que a última guerra mundial nos oferece, a da imigração. Os nossos irmãos continentais, a Argentina, o Chile, o Perú e a Bolívia, são no particular mais previdentes.

Esta breve relação é suficiente para mostrar que barreiras se nos opõem à marcha do progresso e à difusão da cultura até as lindas distantes do nosso território.

Até aqui os obstáculos que oferecem resistência ao avanço horizontal eu em superfície; agora os que se opõem ao crescimento em profundidade ou adiantamento. Eles dizem respeito mais de perto aos médicos.

A socialização da medicina proporcionando ao proletariado o socorro da sua assistência, tem na finalidade um sentido antes de tudo muito humano. Mas essas associações de classe e instituições abalam o prestígio profissional, impondo a confiança dos seus médicos. Além disso, a intensidade dos serviços assistidos geralmente por um número insuficiente de profissionais, não permite uma atuação cuidadosa, e acarreta danos graves para a saúde do paciente e para a reputação do médico.

“A medicina social, será, lògicamente, como entidade coletiva, a medicina preventiva. A arte de curar foi e será sempre individual”, diz muito acertadamente CLEMENTINO FRAGA.

Esta medicina organizada, entretanto, é hoje uma condição inevitável como meio de prestar às classes menos protegidas da fortuna, a assistência de que são necessitadas. Mas para ser suficiente, precisa reunir um corpo clínico maior e devidamente preparado.

Todavia estas associações nem sempre se limitam somente às classes desamparadas, o que repercute na situação econômica do clínico liberal, que vê diminuída a sua fonte de renda. E veremos já quanto importa esta questão no avanço da nossa ciência.

Com efeito, a subsistência do médico torna-se cada vez mais difícil e precária no Brasil. O facultativo está completamente desprotegido, sem uma lei que lhe garanta a manutenção e o futuro da família. Vive do que faz, enquanto pode e enquanto é procurado. Se nesse ínterim não conseguiu reunir algum pecúlio, esperam-no na velhice a miséria e o opróbrio. A concorrência nas cidades, nem sempre honrosa e leal, leva-o a buscar melhor ventura nos sertões. E acha-a, às vezes, mas tornando-se fazendeiro de gado, de cacau ou de café. E a medicina fica esquecida para sempre, como profissão ingrata. Se possui amigos influentes, pode arranjar um lugarzinho miserável na saúde pública, com um soldo de sargento, ou entra para a burocracia. Se enfim, dispõe de algum capital e tem vocação para comerciante, então o amável sôpro da fortuna lhe sorri, mas sempre com o sacrifício da ciência que custou tanto a adquirir. São fugitivos da medicina. E quantos valores se perdem assim? A situação já começa a repercutir no seio da mocidade, o fenômeno já se reflete nas escolas.

Se quereis ver computados em números os fatos que declaramos, comparemos o afluxo de estudantes a nossa Faculdade, ontem e hoje. Pouco havia, o número de candidatos aqui subia além de 200, enquanto em cada uma das outras escolas não passava de umas poucas dezenas. Hoje, êsse número aumentou consideravelmente nas demais e em a nossa, estacionou ou mesmo diminuiu.

Não se trata de uma deficiência do ensino, que êste tem progredido sempre; nem tão pouco na proclamada pretória médica está a explicação. O número de médicos no Brasil ainda não atingiu o **quantum** suficiente, é de 1 para cada 3.000 indivíduos, ao passo que em outros países esta proporção é 3 e até 4 vezes maior, como sucede nos Estados Unidos. O motivo está na própria vida do médico, e quanto isto significa para a nossa ciência, não precisa comentários.

Se se alista o médico no grupo daqueles trabalhadores chamados cientistas, não é outra a feição do problema, antes se agrava ainda mais. São os cientistas uns homens que vivem obscuramente na modéstia de seus laboratórios e têm como prêmio da nossa sociedade o seu superior esquecimento. Uns misantrôpos que perdem o tempo estupidamente com coisas inúteis, que gastam os poucos haveres na aquisição de livros e revistas — “um capital mal empregado”, como já ouvimos — que não fazem discursos, não escrevem no jornal e não se exibem nos banquetes! Mal compreendidos, ninguém lhes presta atenção, ninguém lhes reconhece o valor. Remunerados pessimamente, com raras exceções, não vivem, vegetam, porque lhes falta tudo, salvo se fôrem estrangeiros, então nada lhes deverá faltar. O brasileiro tem na sua generosa hospitalidade, o vêzo de diminuir tudo o que é seu e hipertrofiar tudo o que é alheio. Com esta maneira de pensar de um povo, só o milagre da tenacidade, da abnegação e do amor à ciência, pode vencer os obstáculos e produzir alguma coisa. Já Pasteur afirmara mais ou menos com estas palavras, que do conceito das nações do mundo, teria a supremacia na paz e na guerra, aquela cujo povo fôsse mais bem dotado na ciência. Ofereçamos a êstes homens todo o apoio necessário ao empreendimento de suas pesquisas, pouco importa o resultado imediato, e esforcemo-nos por garantir-lhes uma subsistência condigna e mais tranquila, porque sem isso o trabalho intelectual é de veras muito difícil e penoso. Êles são merecedores do nosso maior respeito, porque sôbre os seus ombros pesa a responsabilidade de representar a pátria perante o consenso dos povos cultos.

Os que dentro do âmbito da profissão exercem o magistério são os mais desaprovados, como responsáveis por tudo o que direta ou indiretamente se liga ao ensino e ao progresso científico. A assiduidade, a eficiência e a cultura são qualidades que todos querem ver reunidas, e com direito, no professor. Todo mundo reconhece nos trabalhos de pesquisa a substrutura do sábio, e todos querem encontrar no professor universitário esta virtude. Mas, obrigado muitas vezes, a desdobrar as suas atividades em setores díspares, não pode dedicar à cátedra o tempo necessário. “A necessidade de aumentar os escassos honorários, diz EVERARDO BACKHEUSER, força às vezes os professores, ou a bus-

car outros empregos, ou a lecionar em muitos estabelecimentos. São contingências que medidas legais podem evitar”.

No Brasil, quando o professor atinge a cátedra universitária equipara-se ao magistrado na primeira fase da sua carreira, e chegou ao máximo. A desproporção é injusta e dolorosa.

O trabalho do professor não “se calibra pelos minutos do relógio” que marcam o curto prazo das aulas. No tempo para prepara-las e no esforço dispendido para atingir a altura do cargo que ocupa, sim. O dever do estudo é o maior do professor, para não fossilizar-se. Em alguns centros mais adiantados, o encargo das aulas é em grande parte subdividido com os assistentes e as lições são recontadas em filmes cinematográficos. O professor já deve ter passado por essa fase e a sua permanência nela, trás inevitavelmente o tédio e acabará por transformá-lo num realejo. Os pontos seibentos que passam de gerações a gerações não têm outra origem. E a objeção é improcedente, porque será sempre indispensável repetir ao aluno, ano após ano, noções clássicas fundamentais e conhecidas, uma vez que o seu nível cultural não permite ainda o aprofundar-se na matéria. Isto deverá ficar reservado para cursos mais adiantados, perante auditório que o comporta. Não foi de outra forma que certos países se distanciaram tanto no progresso científico.

Além disso, os nossos professores são via de regra autodidatas, e “o autodidatismo, se honra as qualidades intelectuais daqueles que o praticam, é feito à custa de muita hesitação, de muitos erros, ou pelo menos de muito tempo perdido, e em prejuízo geral” (BECKHEUSER). As viagens aos grandes centros deveriam ser consideradas com mais atenção e boa vontade, como uma forma de corrigir êsse inconveniente. E não só no facilitar o aproveitamento das bolsas estrangeiras, mas na criação das suas próprias, devem insistir Governo e Universidades, porque são um meio de aperfeiçoar os nossos conhecimentos, ir buscar nas fontes originais as mais modernas aquisições da ciência.

A questão do material enfim, é outro argumento trazido frequentemente à baila, como fator que contraria a boa marcha do nosso progresso. Embora reconhecendo as deficiências, não comungamos totalmente da opinião, porquanto o fato não é geral

e muitos dos nossos laboratórios, para falarmos, agora somente de casa, são bem aparelhados, às vèzes até providos de formidável estoque, e que muito se distanciam de outros do mesmo gênero no país. E' certo entretanto, que no terreno da clínica, vimos atravessando uma situação crítica por falta de um hospital decente e asseiado, na altura das exigências modernas.

Ainda aqui êste mal está em via de remediar-se com o novo e suntuoso Hospital das Clínicas, cujas portas se abrirão êste ano.

Ao Govêrno da República e ao elevado espírito do nosso Magnífico Reitor, Prof. EDGARD REGO DOS SANTOS, cuja tenacidade — sem o menor vestígio de lisonja, ao que fomos sempre muito avessos — nunca será bastante louvada, deve a Bahia a realização de um velho e justo sonho, dotada que fica de um dos maiores e mais completos dos hospitais da América do Sul, e de uma escola anexa modelo de Enfermagem, já em pleno funcionamento. E temos por muito certo que para o bom funcionamento da sua complicadíssima engrenagem, não haverá de faltar, como complemento indispensável, a inteligente orientação do realizador de tão grandiosa obra, no dar-lhe feição própria e adequada.

Por último enfim, a atual reforma do curso secundário, no zêlo especial dedicado ao estudo das letras, visa principalmente o preparo de literatos e poetas, de que é o Brasil tão referto, e descuida-se espantosamente da ciência, do que somos tão carentes.

Um pouco menos de literatura, de poesia, de latim e de história, e um pouco mais de matemática, de física, química, mineralogia e biologia, não haveria de ferir a fina susceptibilidade da musa brasileira.

\* \* \*

Se fôssemos procurar motivos para justificar as nossas falhas e desculpar o nosso atraso, tê-los-íamos sobejos nas razões citadas. Mas longe disso, não trazemos nos lábios a lamúria, nem no coração o derrotismo. Ao apontá-los queremos dar realce ao mérito dos nossos esforços, em condições tão desfavoráveis.

Se numa visão retrospectiva considerar-se a obra realizada no espaço que medeia dos últimos tempos coloniais aos dias de hoje, e mais de perto, do modesto Colégio de Cirurgia à atual Universidade da Bahia, ver-se-á que ela não é pequena. Não há atraso real. O que houve sim, foi uma diminuição no ritmo do progresso, e não somente na medicina, mas em todos os departamentos da cultura. E dentre as múltiplas causas, aquelas aqui exaradas merecem atenta consideração, para não entrarmos em marcha uniformemente retardada. Do contrário, nossa hegemonia no hemisfério, já tão abalada, passará para o rol dos fatos históricos.

\* \* \*

Meus caros acadêmicos:

Depois desta arenga tão pouco atraente, é com pesar que declaro nada poder dizer-vos de novo, senão com novas palavras repetir o que é já velho. Como tema desta primeira e breve lição escolhemos os graus de precisão da verdade biológica, que sendo assunto de ordem geral, talvez interesse a todos.

\* \* \*

O espírito crítico tem na noção de medida, o critério mais rigoroso para julgar o grau de precisão da verdade ou conhecimento científico.

“O movimento, o número e o espaço, estas 3 coisas que compreendem todo o universo, têm uma ligação recíproca e necessária”. (PASCAL).

“Ciência é medida”. (GALILEU).

Na marcha evolutiva da ciência, os fenômenos são apreciados primeiramente no seu aspecto qualitativo, a noção de quantidade vem depois, como consequência natural da necessidade de melhor definir os atributos, comparar os resultados e estabelecer as relações de interdependência das funções variáveis. Da observação simples do fenômeno, passa-se ao registro matemático, que é o mesmo que transformar o conhecimento empírico em conhecimento científico. “O momento de passagem da cons-

ciência banal dos fenômenos ao seu conhecimento científico é a passagem da noção de qualidade àquela de quantidade". (MARTINET).

As ciências biológicas não escapam a esta contingência. Como dizia Cl. BERNARD, "Se em Biologia se quiser chegar a conhecer as leis da vida, é preciso pois não somente observar e apreciar os fenômenos vitais, mas além disso fixar numericamente as relações de intensidade nas quais eles estão ligados entre si".

Mas os fenômenos vitais, que na sua intimidade se reduzem aos mesmos processos da física, da química e da químico-física, escapam muitas vezes às generalizações matemáticas, porque as causas determinantes são múltiplas e complexas, e porque estão sujeitas às vicissitudes de regime de grande número de funções seriadas. A verdade biológica reduz-se então a um acidente, isto é, uma variação no tempo, o que é da natureza própria da vida. De modo que a medida só é significativa quanto feita em função do tempo. "Todos os fenômenos da natureza supõem a extensão e o movimento como as principais qualidades do corpo", diz CONDILLAC, e no movimento está implícita a idéia de tempo; pois, toda medida que prescindir dêle, não pode ter significação biológica.

Isto para a avaliação do fenômeno. O mesmo não acontece porém quando se trata de medir os atributos que são por assim dizer o seu substrato. Neste caso faz-se abstração do tempo considerando-se a máquina parada, para termo de partida.

Assim procede a Biometria Estática, que se limita a obter dados independentes ou reunidos em índices, de um só indivíduo ou de um grupo de indivíduos. São números abstratos ou médias aproximativas, exata na sua expressão matemática mas nem sempre no seu significado biológico, muita vez sem representação concreta. A medida estática, diz MARTINET, "é baseada de fato num erro sistemático, considera os fenômenos como estáveis. Faz completa abstração de dois fatores essenciais da vida; o tempo e a variação dos fenômenos". Mas se ela é vaga ou muito imprecisa na apreciação do fenômeno, no que se não aplica, é muito

certa e indispensável para avaliação dos fatores, medindo-os por comparação aos padrões convencionais dos diversos sistemas.

A Biometria cinemática e a dinâmica, levando o tempo na devida consideração, obtém com os dados estatísticos valores da mais alta importância. A primeira reúne êsses dados em séries homogêneas, traduzidas graficamente sob a forma de curvas em função do tempo e permite avaliar a evolução do fenômeno, e muitas vezes descobrir as suas leis. A segunda vai mais longe, e comparando ao mesmo tempo as curvas evolutivas de dois ou mais fenômenos, revela as relações de causa ou de interdependência que as ligam. O método é muito geral, na opinião de HOUSSAY, e considerado sob êste aspecto, experiência e observação se confundem quanto ao método e quanto ao fim. A experiência não é senão uma soma de observações. “A propriedade específica do método (comum à experiência e à observação) reside essencialmente nisto, que a comparação se exerce: 1.º — entre objetos classificados em duas séries; 2.º — no efeito de descobrir as relações de causa ou relativas à causalidade”. (MARTINET).

A Biometria cinemática e a estática são a expressão máxima da verdade biológica, considerada do ponto de vista da precisão ou limite.

Com efeito, o dado numérico considerado independentemente será muito exato no seu absolutismo, mas pouco ou nada exprimirá se não vier acompanhado de outro correlato, de cuja variação depende, porque nas funções da vida, nada existe de estável, tudo é contínua modificação. Na vida animal como na vegetal, todo fenômeno é questão de quantidade e movimento que se reúnem no tempo em regimes variáveis. A própria vida que é senão uma sucessão contínua de acidentes? “O observador moderno não considera unicamente os dados biométricos no estado estático, isto é, medidos uma vez e estimados fixos, mas ao contrário, convencido da noção de evolução perpétua e de transformação universal, prende-se ao estudo das variações da quantidade que estuda, e partindo dos números que a mede. Examina a sucessão destas variações, esforça-se de representá-las fielmente por meio de método gráfico, tenta assim figurar a evolução geral e as perturbações acidentais dêsse fe-

nômeno, e procura em última análise exprimir a dita evolução, por uma função matemática ou experimental”.

A introdução do critério da medida nas ciências biológicas veio trazer-lhes o cunho de exatidão que faltava para figurarem ao lado das demais ciências naturais.

Concretizam-se suas assertivas gerais na precisão dos números; condensam-se as definições vagas, em expressões e fórmulas matemáticas; medem-se e limitam-se as fenômenos mal demarcados, nas curvas de evolução, cujas ordenadas e abscissas assinalam a duração e intensidade, e as suas leis adquirem o valor de equações.

A Biologia em geral e a Medicina em particular não podem mais prescindir da noção de medida, do critério matemático. E se dêles estiveram dissociadas durante algum tempo, não foi pela natureza de seu objeto de estudo, mas pela falta de certos dados das ciências auxiliares e do instrumental necessário de que aos poucos se vieram aperelhando no seu aperfeiçoamento técnico. A Biometria foi um passo largo e seguro no sentido da exatidão e jamais poderá ser dispensada.

Uma categoria de fatos biológicos não se presta à medida no sentido em que temos considerado até aqui, mas se conformam ao simbolismo numérico, à feição de estatística. É o fator frequência.

Alguns observadores se servem do método com abuso e tiraram imprudentemente conclusões prematuras, esquecendo-se do perigo das pequenas séries, e que o acaso faz variar de um extremo a outro. Levantada com a prudência e o rigor que o acaso exige, prestam relevantes serviços à medicina, mas o emprego mal feito pode trazer confusão e desviar do caminho certo o que a intuição e a análise podem descobrir. Invadiu todos os campos da ciência médica, até a própria Morfologia, reputada como o mais estável dos seus distritos, constituindo um novo ramo, a Anatomia racial, que veio abalar muitas noções da anatomia clássica ou europeia, como lhe chama Adachi; e abriu novos e vastos horizontes no capítulo da Genética. Em todos os setores da clínica, juntamente com os dados biométricos, é largamente usada. Aplicada ao determinismo é por vèzes de interpretação delicada,

e na determinação de certas medias, duvidosa, pois, pode chegar a um resultado matematicamente exato, mas puro produto da ficção, por inexistente na realidade. Traduz o fato numericamente dentro dos limites da probabilidade; a verdade que declara tem os limites das aproximações matemáticas.

Resta ainda outra ordem de dados, alguns muito bem documentados e que satisfazem à lógica mais rigorosa e que todavia se não submetem ao princípio da medida. Há fenômenos em Medicina, que pelo menos no momento, parecem escapar à esta noção, pois de forma alguma se amoldam à inflexibilidade das leis matemáticas. Estão neste caso por exemplo, as alterações de estrutura, certos fenômenos íntimos da secreção e da sexualidade, os mecanismos de defesa e a homeostase, as modificações de caráter em certas perturbações endocrínicas, as relações psico-somáticas, e de um modo geral, tudo o que se liga à esfera psíquica, para citar apenas alguns casos. Não nos atrevemos a declarar que um dia não sejam atingidos também pela Biometria, por enquanto nem podemos entrever sequer, a maneira como. Muitas destas noções contudo, são fatos fundamentais da ciência médica, que o progresso só tem feito confirmar e comprovar. Não são dados empíricos certamente, e muitos resistirão, sem o menor vislumbre de dúvida, à crítica do futuro. Não são menos verdadeiros ou exatos que aqueloutros que possuem representação numérica, são apenas menos precisos, quer dizer, menos limitados, mas não devem porisso ser considerados como extra-científicos, até porque, a verdade não está no número, mas naquilo que êle representa. O número apenas limita, mas não pode alterar a realidade da coisa existente.

Em Biologia humana, há demais disso, um mundo de fatos conhecidos realmente, mas de cujo determinismo e mecanismo, apenas estamos aproximados ou conhecemos uma parte. Muitos estão concatenados em hipóteses ou mesmo em teorias, que respondem perfeitamente ao bom senso. Mas bom senso, como dizia Descartes, é a coisa mas bem distribuida no mundo e não podemos ter certeza se os nossos sentidos não nos enganam, julgando as coisas pela aparência, e se os nossos juizos não são falsos. Porisso, nem tudo o que se afirma, embora o entendimento o admita, deve ser tido como certo, nem mesmo quando se vale

do prestígio dos números, que como já vimos, não têm força para alterar a realidade. A razão pura não impediu que o filósofo considerasse o cérebro como um *viscus sui generis* que tinha como função única aquecer o coração, e que a glândula pineal era a sede da alma, por ser a única parte ímpar do cérebro. São fatos que estão ainda na penumbra, uns, ou que ficam muito além, nos últimos lindes da matéria, outros, já no limite do espiritual, onde a ciência por mais que se esforce talvez nunca penetre. É a região sublime da metafísica. Deixemo-la em paz.

“Há mais coisas no céu e na terra, Horácio,”

“Do que se sonharam em vossa filosofia.” (Shakespeare).

De todo êste breve raciocínio se conclue, que a verdade ou conhecimento científico tem em Biologia, e em Medicina portanto, vários graus de precisão. Mas se não entenda por isso que há uma verdade mais certa e outras menos certas. “A verdade é o que é porque a realidade existe”, e “é definida como a conformidade da cousa com a inteligência”. E’ o que se depreende pelo menos, de S. Agostinho e S. Tomás, e parece que sôbre isto não pode haver dúvida.

Quando dizemos que em se passando uma corrente elétrica sôbre uma fibra motora, o músculo correspondente se contrai, afirmamos uma verdade; quando assertamos que para êste músculo contrair-se é necessário uma corrente de determinada intensidade, durante uma determinada fração de tempo, também afirmamos uma verdade, e de maior grau de precisão, isto é, mais delimitada; e enfim, quando asseveramos que a cronaxia desta fibra varia dentro de certos limites, proporcionalmente a uma condição, mais uma vez afirmamos outra verdade, e ainda mais precisa, porque ainda mais delimitada.

É somente neste sentido que a verdade científica tem graus diversos, mas ela é uma só, existe ou não.

Na interpretação de um fenômeno, podemos aproximar-nos muito da realidade, e em geral, é por aproximações sucessivas que se chega a descobri-la, mas enquanto se a não tinge não se está de posse da verdade, não passa de uma aproximação. Em medicina, os casos desta ordem são ainda, sem dúvida, em número muito grande, mas pouco a pouco vamos avançando para

à realidade. E se no momento atual, quando as ciências físicas alcançam um nível de desenvolvimento verdadeiramente assombroso e a técnica chega ao cúmulo da perfeição, ainda possuímos no nosso campo, uma área tão vasta de terreno duvidoso ou desconhecido, não é certamente por falta de discernimento ou pela falência dos nossos métodos, mas sim pela natureza própria do seu objeto, extremamente complexo e exposto à tóda espécie de acidentes.

E tão pouco poderão ter as nossas concepções o mesmo caráter geral das concepções matemáticas. Assim, é eterna a noção do círculo e coisa nenhuma mais verossímil que o triângulo é igual a dois retos. Mas o objeto da matemática é abstrato. Nas ciências físicas e naturais sucede diferentemente, porque é material o seu objeto. Quando Lavoisier afirmou — a respiração, em última análise, consiste numa combustão — revelou uma verdade; mas isto se realiza de diversos modos segundo os accidentes. E quando HARVEY disse — o sangue circula e não oscila, — enunciou outra verdade, porém particular e concreta, porque em alguns Protocórdeos, o sangue oscila e não circula, e em muitos invertebrados, nem circula nem oscila, deloca-se indiferentemente.

\* \* \*

A diferença está nos universais e nos particulares, na ausência e na presença de accidentes. No abstrato não há tempo nem espaço reais. Porisso mesmo o particular é mais complexo. E a Medicina é do particular.

Meus caros jovens que acabais de galgar os degraus dêste venerável templo.

Houveram os nossos pares, em magnânimo juízo, por decisão, escolher-nos para apresentar-vos as boas vindas. Como o mais moço dêste concílio, que do nume de Epidauro se julga descender, com muita satisfação sentimo-nos mais perto de vós.

Si ouvistes atentos a primeira parte dêste aranzel, num matraquear monótono de advertimentos, muito em contraste com os hinos cantados antes da vitória, usança velha e nossa nos momentos solenes; se meditastes no acêrto das nossas palavras, que uma vida ainda breve mas bem experimentada ousa declarar;

se, ao invés de exortar o futuro, vistes invocarmos o passado e o presente, talvez tenhais deixado abalar o ânimo forte que a mocidade abriga no peito varonil.

Não fôra êste, todavia, o nosso propósito, mas a prudência no deletrear uma condição e prevenir um futuro.

Não há do que enfraquecer o vosso espírito, o verdor de vossa idade ainda há de construir mil castelos com as côres da esperança.

Mal chegados das lidas colegiais, quando aprendestes os fundamentos das humanidades, já outras novas e maiores vos aguardam no curso acadêmico.

De um mundo à roda dos folguedos, onde o fantasma da responsabilidade se não deixa entrever, para outro vos passais, mais sério sem dúvida, porque já na última etapa da vossa formação, porém mais rico de belezas e não menos de emoções.

Aproveitai a vossa juventude, queridos amigos, não só nos livros e nos estudos, mas também na saudável alegria de vossas benditas ilusões, que os anos não trazem mais.

Vencendo os rudos caminhos da ciência, penetrando fundo nos mistérios da natureza, ides ver mais de perto, na intimidade das estruturas e no equilíbrio das funções, a harmonia magnífica do mundo vivo, em tôda a sua plenitude.

Mas haveis de assistir também, como esta coisa que sentimos e ignoramos, e que chamam vida, lento e lento se esvai com o gasto e uso da matéria, ou como célere fenece, pela rutura daquela harmônia em face da lesa estrutura.

No correr dos anos acadêmicos, ireis travar relações com a tristeza, com o desgosto e com o sofrimento, e não vos esqueçais que só há uma dor suportável, a dor dos outros, e que a infelicidade é uma coisa sagrada.

E diante dêste espetáculo, perguntareis então. Onde está a causa primeira de tudo isto?

“Nascer... sofrer... morrer... Eis o que é a vida.”

“Se além desta outra existe... Eis o problema.”

Quando no vale da vida, os homens aperceberam que a felicidade não era constante, mas que o fio de que lhes falara Brahma é tecido por duas fiandeiras, uma que tem o sorriso nos lábios, outra, lágrimas nos olhos, resolveram comparecer perante o trono de Vichnú e apresentar a sua queixa:

“Senhor, é difícil suportar a vida na tristeza.”

E Vichnú respondeu:

“Que o amor vos sustenha”.

Vós que quereis ser médicos ou colaborar para a Medicina, compadecei-vos da desgraça alheia, respeitai a dignidade humana e acima de tudo, sêde bons.

Meus caros estudantes.

Um influxo que vem de longe, dos nossos antepassados, mais do que tudo nos assiste neste momento.

O espírito de tradição é uma força viva nesta casa, contínua e ininterrupta, que dirige os nossos destinos. A nós cabe-nos hoje a honra da sua herança. Amanhã, a vós outros. Ide avante para maior glória de um Brasil bem fadado.